

Se Taylor fizesse um ranking mental das maiores ameaças ao Império, os insetos cósmicos certamente estariam no top três. Apenas seus enxames que cobriam o céu e rostos horripilantes já eram suficientes para causar pânico. Agora, ele via aquelas gigantescas garras de quitina se erguerem enquanto o "motor biológico" do monstro emitia um som assustador, os músculos fibrosos prontos para despedaçar o veículo Frankstein. Tremendo, Taylor se escondeu dentro do blindado, fechando os olhos em uma prece ao Imperador. Mas então— CRAC! —o veículo sacudiu violentamente, seguido por um baque surdo. Os orks gritavam como uma maré embravecida. Desesperado, Taylor saiu rastejando... E deu um pulo! O imenso Carniceiro permanecia congelado na pose de ataque, líquido negro escorrendo de suas mandíbulas— um verdadeiro demônio saído do inferno. Mas seu exoesqueleto orgulhoso estava dilacerado, a espinha exposta, seu rosto agora retorcido numa expressão de agonia póstuma. Taylor suspirou aliviado... quando, de repente, a cabeça solta do Carniceiro rolou direto para suas mãos, grudada por um líquido viscoso. —Ai, meu Deus! —Ele gritou, sacudindo os braços, tentando se livrar do troféu macabro. Sem querer, acabara de se tornar o líder de guerra perfeito aos olhos dos orks, da Guarda Imperial e dos Astartes— um herói aparentemente destemido. Enquanto ele finalmente despachava a cabeça rolando no chão, abaixo dele, uma onda de veículos orks, transportes Rhino e Chimeras avançavam contra os Insetos-Cérebro numa carga frenética. Todos agiam como se tivessem a mesma coragem de Taylor... sem saber que ele era, no fundo, um covarde. O Chefe Goff liderava a carga, seu poderoso torque de combate travando contra a arma quitinosa de outro Carniceiro. —WAAAGH! —gargalhava, adorando o cabo de força. Mas subestimou o monstro. O torque foi arrancado, e ele estava prestes a ser esmagado no chão— até que Taylor, num impulso, atirou com sua arma de plasma na cabeça do inseto. O verde conseguiu escapar e, furioso, começou a martelar o exoesqueleto até rachá-lo. Taylor se perguntou por que salvara um ork... Será que realmente os via como aliados? Enquanto o Goff celebrava sua vitória, imitando o gesto triunfal de Taylor, outras batalhas se desenrolavam: Os Músicos do Caos, com armas modificadas, devastavam os insetos menores usando toxinas e ondas sonoras. Os Tubarões Devoradores, veteranos de séculos nas fronteiras da galáxia, liquidavam guerreiros e guardiões com precisão mortal. E a Dama Bruxa, uma psíquica poderosa, mantinha os Insetos-Cérebro sob controle— seu poder talvez rivalizando com um Alpha Plus do Império. Taylor, agora sem função, limpou o sangue negro de seu uniforme. —Alguém topa um truco? —perguntou, desajeitado. Os olhares de descrença da 15ª Companhia responderam por si só: Você quer perder até a cueca? —Brincadeira! —ele riu, pegando seus binóculos para observar a frente de batalha. O exército caótico— uma mistura de forças do Império, hereges e xenos— avançava contra os enxames. Era como se toda a galáxia se unisse para repelir a infestação, como glóbulos brancos combatendo um vírus. Sem saber, Taylor era o núcleo dessa célula de defesa. Mas algo maior vigiava. O Senhor da Colmeia —um estrategista implacável— sabia que, uma vez que Taylor morresse, este mundo cairia como uma fruta madura. Subitamente, o chão tremeu. Taylor ordenou que o Frankstein acelerasse— não um segundo tarde— antes que o veículo fosse engolido. E então... rugiu. Um Titã da Colmeia emergiu, adornado com padrões púrpuras, cercado por guerreiros de elite e guardiões. Eles não estavam ali apenas para vingança. Estavam ali para oferecer uma alma ao Grande Devorador— a alma de Taylor. Capítulo 133: A Invasão dos Enxames Não era a primeira vez que Taylor encarava um senhor das colmeias de insetos. Ele sabia muito bem que aquele bicho tinha vindo atrás dele. —Vingança? Insetos também têm esse tipo de sentimento? Se o monstro pudesse falar, Taylor adoraria bater um papo. Mas, pelo que ele sabia, as bestas da colmeia Behemoth não tinham cordas vocais. Elas não precisavam se comunicar, muito menos com humanos. Já os insetos Licantropos, para espalhar medo, conseguiam imitar vozes com perfeição. Claro, isso não significava que os tiranos fossem lixo reciclado. Pelo contrário, eram soldados especializados, forjados em incontáveis batalhas. Líderes natos e bestas de guerra. Taylor sentiu o peito apertar, a respiração ficar ofegante. Não era só o tamanho e a força que o assustavam, mas também a maldita inteligência daquela coisa. Agora ele tinha que admitir: os insetos haviam aprimorado seus métodos de escavação. A evolução deles era rápida e eficiente — ele nem sequer ouvira o barulho da terra sendo revolvida. Talvez por causa da guerra, ou porque sua mente estava distraída, mas o fato de ele não

ter percebido nada era impressionante. Seu corpo reagia: respiração acelerada, temperatura subindo, coração disparado, adrenalina bombando. Parecia um hamster assustado, capaz de morrer só de tanto medo. Mas esse pânico também lhe dava reflexos sobre-humanos. O único lado ruim era que a ansiedade nunca o abandonava, nem nos momentos de paz. Neste universo cruel, isso nem era um defeito. Taylor encarou o inseto gigante que viera atrás dele, sem entender por que atraía tanta atenção das forças do mal. Ergueu a arma de plasma e atirou, só para testar. O resultado foi... decepcionante. O plasma não conseguia penetrar a armadura grossa. Os projéteis de Frankstein e os lança-chamas também não fariam muita diferença. Contra uma tropa de elite como aquela, Taylor estava encurralado. — Meu Deus?! O que eu faço? O que eu faço?! — ele perguntou, desesperado, como se o Imperador fosse mandar reforços do céu. Mas o universo não era tão generoso. Se fosse, essa frase seria o mantra de todo comandante. Recursos sempre faltavam — soldados, armas, munição. No crepúsculo sombrio da humanidade, Taylor estava por conta própria. O tirano, ao sair do túnel, logo avistou a feiticeira herege que vinha suprimindo a mente-colmeia. Percebeu que aquela humana tinha grande responsabilidade pelo massacre de suas criaturas. E, pior: seu poder era capaz de rasgar o espaço sutil, mesmo com o bloqueio do Devorador. Um perigo imenso. Seu cérebro biológico recalculou as prioridades. Primeiro: matar a mulher. O corpo colossal mudou de direção, avançando em direção à feiticeira. Taylor, ao ver, soltou o ar aliviado... até perceber que sua amiga (talvez) estava em perigo. Juntou coragem e gritou para o monstro: — Ei, olha aqui! Se eu te derrotei uma vez, posso derrotar de novo! Disparou a arma de plasma contra a criatura. Não sabia se as palavras fariam efeito, ou se os tiros penetrariam, mas alguma coisa tinha que funcionar. Logo, o tirano e seus subordinados desviaram a atenção da mulher. E Taylor já estava arrependido. Primeiro: ele não era herói. Segundo: odiava bancar o herói. E agora, ironicamente, havia virado exatamente o que mais detestava. Foi a luxúria que turvou seu juízo? Ou, no fundo, ele já considerava aquela mulher importante — como amante, amiga, companheira de armas? Mas ela era uma herege... Os pensamentos de Taylor se embaralharam, até ele ver o olhar carinhoso que a feiticeira lhe dirigiu. Droga... Era isso. Não aguentava aquele tipo de coisa. A resposta era clara: seu péssimo gosto para relacionamentos estava atacando de novo. Inspirou fundo, tragando o cheiro de fluidos de inseto, sangue e o fedor do combustível dos motores, e então cuspiu: — Vai se fder! O tirano entendeu. Soltou um rugido ensurdecedor e arremessou-se como um monstro em fúria. Taylor, é claro, tinha experiência com criaturas gigantes. E sua estratégia se resumia a uma palavra: Correr! Frankstein acelerou, e Taylor pulou dentro do veículo, perguntando aos outros: — Pessoal, usem a cabeça e me digam: como a gente detém um tirano furioso e assustador? A garota Letlin respondeu, meio azeda: — Jogando o chefe lá fora. Ela estava com ciúmes, especialmente por ver que Taylor se arriscara por outra mulher. Dessa vez, ele não teve argumentos. Virou-se para Roland, o mais sensato do grupo: — Nosso atirador pesado, ajuda aqui! Roland respondeu: — A menos que a gente tenha algumas balas perfurantes pesadas, não tem como! Nossas armas não são páreo para ele! — Não são páreo... — Taylor repetiu, chegando ao limite mental. — É, estamos ferrados. Talvez a única solução seja eu pular daqui. Me sacrifico, e vocês escapam ilesos. — No meu testamento, peço que todos tenham dispensa honrosa. Mesmo com toda a confusão, acumulamos muitas condecorações. — Acho que é o suficiente. Minha morte e essas medalhas garantirão uma vida tranquila para vocês. — E, todo dia 4 de abril, queimem papel amarelo pra mim...